



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CHIRLEIA BENICIO DO NASCIMENTO

**LITERATURA INFANTIL: QUANDO A LEITURA SE
TORNA PRAZEROSA**

CAJAZEIRAS - PB

2009

CHIRLEIA BENICIO DO NASCIMENTO

**LITERATURA INFANTIL: QUANDO A LEITURA SE TORNA
PRAZEROSA**

**Monografia apresentada á Universidade Federal de
Campina Grande/ Centro de Formação de
Professores, como instrumento para obtenção do
título de Licenciatura Plena em Pedagogia, tendo
como orientadora a professora Maria Janete de
Lima**

**CAJAZEIRAS P.B
2009**



N2441 Nascimento, Chirleia Benicio do.
Literatura infantil: quando a leitura se torna
prazerosa / Chirleia Benicio do Nascimento.- Cajazeiras,
2009.
53f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Formação do leitor. 3. Hábito
de leitura - histórias infantis. 4. Atividades literárias.
5. Desenvolvimento psicológico da criança. I. Lima, Maria
Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.
Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82.93

CHIRLEIA BENICIO DO NASCIMENTO

LITERATURA INFANTIL: QUANDO A LEITURA SE TORNA
PRAZEROSA

APRESENTAÇÃO EM: _____, _____ DE _____

(Prof.^a MS. Maria Janete de Lima)

CAJAZEIRAS, PB
2009

DEDICATÓRIA

À minha mãe Silva e o meu pai Luizinho por todo esforço e dedicação de anos para que eu pudesse chegar até aqui.

À meu bebê, que está para chegar, que tem sido uma inspiração, de força e coragem para que eu possa alcançar os meus objetivos.

À meu esposo Judivan César pela força, carinho, compreensão e apoio para enfrentar os desafios com coragem e determinação, agradeço pelos mais simples gestos de amor, por ter acreditado no meu sonho. E a sua família, pelo incentivo.

À meus irmãos Charles, Chirlene, Chirlândio, Chirleide e principalmente a Sheila pelo exemplo, aprendizado desde o início da minha carreira estudantil e pela colaboração no estágio.

AGRADECIMENTO

À Deus por mais uma vitória e por ter colocado em minha vida pessoas que me incentivaram e me ajudaram a vencer os obstáculos, obrigada pela família que tenho, pelos amigos, por estar colhendo os frutos plantados durante esses anos.

Sou muito grata a ti senhor pela força e coragem e por ter me dado a certeza de que conseguiria chegar até o final e realizar um grande sonho em minha vida.

Neste momento não há palavras para expressar o meu agradecimento diante da grandeza do que fizeram por mim, a minha mãe e meu pai, que me abriram as portas para o futuro, iluminado o meu caminho com a luz mais brilhante que puderam encontrar: o estudo. Quero agradecer por ter me ensinado que vale a pena acreditar e lutar pelos sonhos, e por nunca medir esforços para me educar. Tenham a certeza de que dei um grande passo refletido na coragem e determinação de seus exemplos. Obrigada por tudo.

“Todo conhecimento começa num sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não ensina. Brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa: Conte-me seus sonhos para que sonhemos juntos”.

(Rubem Alves)

SUMÁRIO:

RESUMO-----	7
INTRODUÇÃO-----	8
CAPÍTULO I	
1.1 O que é Literatura? Como ela surgiu?-----	11
1.2 A escola, o livro, a criança e as tecnologias-----	14
1.3 Leitura e seus desafios na escola-----	18
CAPÍTULO II	
2.1 Fases do Desenvolvimento Psicológico da Criança.-----	23
2.2 As diversas modalidades de textos infantis e os aspectos metodológicos-----	28
2.3 A importância de ouvir e contar histórias infantis-----	33
CAPÍTULO III	
3.1 Estudo de caso-----	35
3.1.1 Caracterização da escola-----	36
3.2 Análise dos questionários dos professores-----	37
3.3 Análise dos questionários dos alunos-----	39
3.4 Análise do estágio-----	42
CONCLUSÃO-----	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	50
ANEXO-----	51

RESUMO

O presente estudo trata-se de um trabalho direcionado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia referente a conclusão da disciplina Práticas Docente nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras- PB. O qual vem tratar da importância da Literatura Infantil no processo de formação do leitor, como também possibilita uma reflexão ampla da prática do professor mediante suas atividades metodológicas, para tanto foi realizada uma pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Lacerda na Zona Rural do Município de Aparecida- PB, envolvendo professores e alunos através de questionários para coleta de dados importantes para o estudo, bem como realizamos uma pesquisa bibliográfica de diversos autores que abordam a temática, neste, objetivamos analisar o processo de leitura a partir da utilização da Literatura Infantil como instrumento de ensino- aprendizagem, destacando o uso do material didático e o espaço físico para a realização de atividades literárias como também investigar os elementos que interferem no hábito da leitura. A escolha do tema partiu do princípio de que apesar de muitas discussões a respeito dos problemas que há no processo de formação do leitor, observamos que ainda há uma necessidade de perceber a importância do papel que a Literatura Infantil exerce junto com a leitura nas propostas de trabalho em sala de aula. Sendo assim, pretendemos com este projeto, contribuir com os educadores refletindo e ampliando propostas de trabalho que valorizem a capacidade do conhecimento dos alunos, em especial a leitura que deve ser sempre uma prática diária na sala de aula fazendo com que a Literatura Infantil seja realmente um instrumento de formação na vida de cada criança.

Palavras - chave: **literatura infantil, leitura, ensino, aprendizagem.**

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a importância da Literatura Infantil no processo da leitura, tendo como fundamentação diversos autores que destacam a amplitude da necessidade que se tem em inserir novos desafios aos pequenos leitores quando se trata de uma atividade que pouco tem avançado diante das estatísticas escolares, assim sendo, desenvolvemos o referido estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Lacerda, município de Aparecida-PB, para tanto iniciamos com observações e questionários nas visitas a referida instituição.

O trabalho com Literatura Infantil na prática cotidiana da sala de aula é algo que requer condições favoráveis para a prática em questão que não se restringe apenas aos recursos materiais disponíveis, e sim, despertar o hábito de ler no alunado, e cabe a escola por sua vez, assumir o verdadeiro papel na formação de leitores, convertendo a literatura infantil e a leitura em um objeto de aprendizagem.

A principal dificuldade é que alguns alunos não despertaram para a importância do hábito da leitura, nem tão pouco os educadores se deram conta de que a Literatura Infantil é uma via importante que permite o contato direto com a leitura e o conhecimento, neste sentido, esta problemática nos despertou o interesse de trabalhar com a literatura infantil voltada para a leitura.

Para tanto se faz necessário indagar: Que tipo de estratégias os nossos educadores têm adotado para que seus alunos estabeleçam uma relação importante entre o hábito de ler e o mundo a qual está inserido?

É imprescindível enxergar com novos olhos o verdadeiro, o universo mágico e encantador do livro em sala de aula, e conseqüentemente, entende-se aí toda a prática cotidiana do aluno. É neste sentido que este trabalho surgiu com o objetivo de despertar no aluno o prazer pela leitura através da literatura infantil, oferecendo-lhe oportunidades para que se tornem leitores assíduos, o que constitui um direito que nem sempre tem merecido a devida atenção

no âmbito escolar, como também analisar as práticas de literatura infantil na escola como processo de ensino- aprendizagem e perceber como as crianças interagem em classe durante as atividades de literatura infantil, sendo assim, aplicamos questionários com os alunos e professores para subsidiar a questão em temática.

Para tanto, destacamos no I Capítulo, o surgimento da Literatura Infantil e seus desdobramentos durante todo o processo histórico e o espaço conquistado nas escolas e em toda a sociedade, aponta a importância de se contar história para a criança desde cedo para incentivar o gosto pela leitura sendo que neste momento os maiores incentivadores são os pais que por sua vez devem promover a acessibilidade dos livros e outros materiais educativos para a criança.

Destaca-se ainda a relação existente entre a escola, o livro, a criança e as tecnologias que em meio a tantas opções como os jogos, a internet, dvd's, etc, tem ocupado um grande espaço na vida cotidiana das crianças, fazendo com que a importância do livro, do mundo mágico das histórias encantadas, seja esquecida em meio a tantas opções atrativas digitais que muitas vezes não oferecem a oportunidade de compreender o real valor da vida e do ser humano, assim elencamos os desafios que a escola tem com o processo de formação do leitor.

No II Capítulo tratamos a questão das fases normais do desenvolvimento psicológico da criança através da psicologia experimental que abriu caminhos para a redescoberta da importância da literatura infantil em todas as etapas desde a infância até a adolescência enfocando as categorias de pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico e em cada etapa da vida do leitor seu desempenho e seu comportamento.

Abordamos neste capítulo as diversas modalidades de textos infantis e os aspectos metodológicos que influenciam para despertar o prazer pela leitura, para tanto se faz necessário analisarmos e refletirmos sobre os tipos de leitura que propomos aos nossos alunos, avaliando métodos e técnicas, disponibilizando material atrativo provocando maravilhosas sensações retratando sonhos e desejos. Destacamos ainda a importância de

contar e ouvir histórias infantis que desperta sempre o interesse de pessoas de todas as idades e principalmente se esse momento for compartilhado com alguém com a qual haja uma afetividade.

E no III Capítulo, mostramos o percurso metodológico e o estudo de caso tratando-se das técnicas utilizadas para desenvolver as atividades de pesquisa na escola com o objetivo colher dados importantes para o estudo através de questionários com professores e alunos, finalizando com a análise do estágio realizado.

Sendo assim, este estudo busca apresentar as inúmeras possibilidades que a literatura infantil pode proporcionar ao leitor em formação, e esperamos que este estudo possa contribuir com que nós, educadores, possamos ter subsídios para analisarmos e refletirmos sobre a nossa prática de ensino no processo de formação de leitores competentes através do maravilhoso que é a literatura infantil.

CAPÍTULO I

1.1 O que é Literatura Infantil? Como ela surgiu?

Há muitos anos atrás a literatura infantil era vista apenas como forma de entretenimento, como um brinquedo, algo que não pudesse ser de muito valor para a formação da consciência humana, com o passar dos anos esta concepção foi sendo modificada, as novas gerações puderam perceber que é na literatura que os seres humanos têm a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria experiência de vida.

Por volta dos anos 60 e 70, o Brasil passou por uma fase consideravelmente preocupante com os altos índices de analfabetismo, impedindo o desenvolvimento do país, preocupado com esses resultados o governo Médici recorreu à alfabetização de adultos, através do Mobral, este programa pretendia solucionar o problema em curto prazo, porém, fracassou, conforme aponta os dados do IBGE, a metade da população era iletrada.

A educação básica foi neste período esquecida, isto fez com que o desenvolvimento do ensino primário se tornasse extremamente inferior, surgiu uma alternativa de investir na educação livresca, sendo este, fruto do avanço tecnológico que se proliferou devido à ampliação da classe média e ao aumento do nível de escolaridade como decorrente da reforma do ensino, apesar disso os níveis de evasão que através desse método, o subdesenvolvimento cultural não se resolvia apenas pela recuperação do adulto analfabeto, apesar da grande facilidade de ingressar em uma universidade, isto porque os alunos acadêmicos não possuíam condições intelectuais de participar de debates universitários.

Neste momento, mudou-se a estratégia, reconhecendo que o ensino básico era uma grande esperança para a educação, a atenção e o cuidado voltaram-se para a criança, privilegiando o livro como via necessária para o enriquecimento cultural e intelectual. É neste período que a literatura começou a ser alvo de atenção passando a ser motivo para estudos e publicações destinadas a crianças pelos educadores a fim de promover a leitura

nas escolas brasileiras através da literatura infantil considerada uma etapa fundamental para a formação de leitores.

A literatura infantil foi aos poucos conquistando seu espaço nas fundações, nos centros de pesquisa, nas associações de leitura, ou seja, torna-se motivo de investimento para a educação brasileira, neste sentido, o mercado diversifica o produto, com isso alguns traços literários se perderam, junto com ele os objetivos pedagógicos de abrir possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais em seu processo de democratização, formando gerações capazes de superar limites e ter pensamento crítico a partir das experiências das crianças.

É neste sentido que a literatura infantil surgiu no século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico, com a função de educar moralmente as crianças, onde esta passa a ser aos poucos, considerada um ser diferente do adulto passando assim a obter uma educação especial, com necessidades e características próprias preparando-as para a vida adulta, isto aconteceu somente a partir do século XVIII antes a criança era vista como um adulto em miniatura.

Este séc. XVII foi um período de grande repressão política e religiosa, onde os bispos e legisladores estavam voltados para a massa camponesa, não com o objetivo de educá-los, mas de controlar a fé e tê-los como “aliados” leais, assim os contrastes sociais e econômicos eram evidentes.

O francês Charles Perrault coletou contos e lendas da Idade Média e adaptou-os em contos de fadas destinadas para o gênero infantil a exemplo de Cinderela e Chapeuzinho Vermelho, preocupado com o didático, a coleção de textos de Perrault, requer um enfoque interdisciplinar relacionando diversos elementos, esses contos chegam à família Perrault através de contadores.

Antes de Perrault a literatura existia como forma pedagógica na cultura erudita a exemplo de textos jesuítas, como também a literatura popular com contos folclóricos e

ditos provérbios através da oralidade, estes não eram direcionados para crianças, somente disponíveis a adultos, logo depois foi adaptado para a infância.

Independente de qualquer adjetivo que se possa atribuir à literatura infantil, ela é sem dúvida uma arte que encanta o leitor ou ouvinte. Contar história é uma atividade que vem sendo praticada há anos, com inúmeros objetivos, seja para transmitir uma mensagem ou conhecimento, educar, seja ela fictícia ou não, ou até mesmo para fazer uma chantagem. Sobre esta questão a autora Abramovich afirma:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor, é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (1997: 16).

Na realidade, as histórias prendem a atenção das crianças e dos adultos fazendo com que através da informação haja socialização, mas para isto, é preciso que o contador de histórias seja influenciado e a serenidade aconteça de forma espontânea.

Por aquietar as crianças, a “estratégia” de contar história pode ser uma excelente oportunidade para incentivar o gosto à literatura e ao mesmo tempo o hábito de ler, e este hábito deve ser trabalhado mesmo antes da inserção à escola, sendo que os maiores incentivadores devem ser os pais, promovendo ainda a acessibilidade dos livros e outros materiais educativos para as crianças, como jornais, revistas, panfletos, anúncios, jogos, entre outros.

Originado da camada burguesa, a literatura infantil é hoje um dos principais produtos culturais, acessíveis a muitos, sendo que os primeiros textos produzidos eram confundidos com o livro didático, mas segundo Zilberman:

É no âmbito da ascensão do pensamento burguês e familiar que surge a literatura infantil brasileira, repetindo-se aqui o processo ocorrido na Europa um século antes e, como no Velho Mundo, o texto literário preenche uma função pedagógica, associando-se muitas vezes à própria escola. (1994: 97).

Deste modo, a vinculação do livro infantil ao ensino recebeu estímulos dos laços parentescos, criando assim, uma estreita relação com o objetivo de garantir a transmissão das normas sociais, sendo que a escola é um dos lugares de interação do ser humano.

A família cabe a função de valorizar e respeitar a faixa etária da criança, sendo que a mãe/responsável tem o papel de preservar os filhos e a casa, promovendo o afeto, enquanto que o pai desta época preocupa-se com os encargos financeiros.

A literatura infantil, ao longo dos anos passou por grandes transformações, segundo estudiosos, este é um campo desconhecido, cujo caminho ainda não foi descoberto por muitas pessoas, é motivo de preconceito e equívocos, mas apesar disto, este gênero merece ser privilegiado, por contribuir e ser um agente do conhecimento desencadeando encantos e horizontes cognitivos do leitor.

Hoje a literatura infantil é muito mais importante, se ramifica por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, o esporte, as brincadeiras, as minorias raciais, penetrando até no campo da política e suas implicações, proporcionando à criança um desenvolvimento emocional e social.

1.2 A Escola, o livro, a criança e as tecnologias.

A condição básica dos seres humanos é compreender os espaços onde vive, e é neste espaço onde os estímulos afloram, a escola, por exemplo, *deve ser, ao mesmo tempo, libertário e orientador para permitir ao ser em formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura* (COELHO, p. 17, 2000), sendo este espaço de contribuição para os estudos programados como também para as atividades livres em que as informações são abrangentes ao saber e suas capacidades individuais.

Esta responsabilidade direcionada à Escola permite uma contribuição para o avanço de uma longa trajetória do conhecimento formando novas mentalidades dentro deste espaço privilegiado para o crescimento social, pessoal e cultural do ser humano que inicia na infância e se prolonga na infância por toda a sua vida.

Ao final do século XVII e durante o século XVIII, foram produzidos os primeiros livros destinados às crianças, antes não existia a “infância” e por isso não se escrevia para elas, pois não havia uma preocupação com seus interesses, nem consideravam a faixa etária das crianças, como também a sua formação específica, mas isto só veio a mudar durante a Idade Moderna, Zilberman apresenta que:

Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção de seus parentes em seu negócio internos) e estimular o afeto entre seus membros. (1994: 13).

Assim, nota-se que antes não existia uma separação específica para a infância, onde as mesmas ouviam as mesmas histórias que os adultos e os acompanhavam nos eventos, participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias.

Na verdade, a criança de mais de sete anos ocupava, ao que parece, o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, incapaz de certas coisas talvez, mas já uma pessoa na vida, importante como força na família e na sociedade, as crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos (literatura de cordel), muito populares na época. Contudo, de acordo com a valorização da infância, os laços afetivos foram se estreitando, e foi-se gerando um controle do desenvolvimento cognitivo e intelectual, assim, com a invenção da Literatura infantil e o apoio da escola, onde pedagogos elaboraram textos para crianças com objetivos de educá-las, e até hoje especialistas desta área produzem obras literária voltadas para as crianças.

Sem sombra de dúvida, a escola é um espaço privilegiado e adequado para a formação do indivíduo, estimulando o exercício da mente, conscientizando-as para perceber os múltiplos significados em relação ao mundo, a si mesma e aos outros, fazendo com que este ser em formação possa se autovalorizar, Coelho (2000:17) coloca que:

Essa nova valorização do espaço-escola não quer dizer, porém, que o entendemos como sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista que caracterizou a escola tradicional em sua fase de determinação.

Muito pelo contrário, a escola deve promover estudos diversificados onde a criança possa participar das atividades de leitura, pesquisas, brincadeiras oficinas, realizar experimentos, permitindo-as errar e buscar concertar seu erro, inovar, criar, inventar, sejam estes estudos programados ou mesmo livres em ambientes diversos, contando que sempre haja objetivos, principalmente de assimilar informações e conhecimentos, permitindo que cada um possa ser estimulado de acordo com suas potencialidades individuais e específicas, isto pode ocorrer em conjunto ou até mesmo individualmente, esta responsabilidade entre a escola e a literatura é um caminho longo a ser percorrido, mas para isto é preciso antes de tudo o reconhecimento e a conscientização da tarefa, em seguida procurar exercê-la de tal forma que possa contribuir para a resolução de muitos problemas existentes neste processo educativo.

A literatura infantil abre espaços para a formação de mentalidades, em meio a tantas opções ao alcance da criança, o gênero literário oferece espaços na sociedade onde os princípios sociais e educacionais estão todos voltados para o avanço da tecnologia informatizada, os espaços para a literatura estão sendo invadidos, por atividades que por muitas vezes não oferece a oportunidade de viajar no mundo da “fantasia”, a formação de leitores capazes de abranger idéias, foram substituídas pelos games (jogos) que geralmente induzem à violência, ou seja, são atividades que não estimulam o contato com livros e textos.

Mas, há que se questionar: Será que o professor será substituído por todo este aparato tecnológico? A verdade, *“chega-se à conclusão de que o professor precisa estar*

“sintonizado” com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo” (COELHO, 2000:18).

Diante desta afirmação chegamos a um consenso de que o educador deve ser um aliado desses avanços, procurando associar alternativas literárias à realidade que nos cerca e reconhecer que as transformações são inevitáveis, e nós também fazemos parte dessa mudança.

Num mundo tão cheio de tecnologias em que se vive, onde todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser trocados por e-mails, cd's e dvd's o lugar do livro parece ter sido esquecido. Há muitos que pensam que o livro é coisa do passado, que na era da Internet, ele não tem muito sentido. Mas quem conhece a importância da literatura na vida de uma pessoa, quem sabe o poder que tem uma história bem contada, quem sabe os benefícios que uma simples história pode proporcionar, com certeza haverá de dizer que não há tecnologia no mundo que substitua o prazer de tocar as páginas de um livro e encontrar nelas um mundo repleto de encantamentos.

Em vista disso, faz-se necessário refletir sobre a educação que nos cerca, visto que, é através do ensino que nós tomamos consciência de mundo, onde adquirimos desde a infância, e o caminho ainda é a palavra escrita e oral. A palavra escrita permite ao leitor questionar, refletir, avaliar e compreender a mensagem transmitida, mensagem esta que é utilizada há muitos anos atrás, mas que se renova a cada dia.

A Literatura infantil tem um papel primordial na vida das crianças, uma vez que os contos de fadas fazem despertar a imaginação, o psicológico, fazendo com que as crianças compreendam os valores que os conduz a vida do indivíduo. Neste sentido Coelho indaga que:

Haverá lugar para a literatura infantil (ou para a literatura em geral) nesse mundo da informatização que nos invadiu com força total? Estamos com aqueles que dizem Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a de cumprir nesta sociedade em transformação a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (2000:15).

As transformações nas práticas humanas são expressivas basta avaliarmos toda a história vivida até aqui, são novas mentalidades avançadas com recursos cada vez mais “chamativos”, estimulantes e optantes, mas, graças ao livro atribuímos a formação da consciência humana é por isto que acreditamos que a palavra escrita ainda se faz presente e fará por muito tempo, quem sabe por toda a vida, apesar de alguns teóricos afirmarem o contrário, mas precisamos superar a visão do livro como solto no espaço e no tempo para vê-lo como indissociável da sociedade e da história.

1.3 Leitura e seus desafios na Escola.

O hábito de ler, como é comprovado, deve começar nos primeiros anos antes mesmo da entrada das crianças na escola. É imprescindível enxergar com novos olhos o verdadeiro, o universo mágico e encantador do livro, e conseqüentemente, entendendo-se aí toda a prática cotidiana do aluno, e é na escola que a criança talvez esteja mais aberta aos conteúdos positivos ou negativos dos livros que lê.

A leitura é uma tarefa que devemos praticar rotineiramente durante a vida humana, somos julgados pelos nossos atos. E toma-se uma ação necessária na construção dos estudos, no sentido de constatar o que projetou produzir, bem como redimensionar a direção da próxima ação dentro do processo de leitura. A leitura está sendo desempenhada nas instituições escolares, e vista como preocupação dos educadores no exercício da profissão, visando um novo aprendizado do aluno, e contribuindo para uma construção desafiadora na aprendizagem.

O processo de leitura caracteriza a evolução e transformação do homem, necessária a formação da sociedade, ou seja, o educador não possui a função de ensinar a ler, mas a obrigação em garantir as condições para que a criança construa seu próprio aprendizado de acordo com suas necessidades e interesse de progredir.

Sendo assim, um professor não deixa que o conhecimento fique preso, sua função é que flutua toda uma área de aprendizagem formadora de aluno, demonstrando que bem antes

de aprendermos a ler palavras, frases e texto, já conseguimos ler bem ou mal o mundo que nos cerca através da construção desafiadora, que nos faz compreender melhor o ato de ler, que não se limita apenas à decodificação de palavras escrita. Martins (1993: p.25) apresenta que: *“A leitura estar limitada à escola, como a utilização preponderante dos chamados livros didáticos”*.

Isso implica dizer que a criança não precisa necessariamente do ambiente escolar para adquirir o processo de leitura, esse processo pode começar bem antes da escolarização da criança. Sendo que a mesma está relacionada com o mundo externo, contatos com o mundo fazendo leitura do mundo mesmo não estando escolarizada.

A escola trabalha a leitura, como um objeto fundamental de ensino. E para que possa construir também um objeto de aprendizagem, é necessário que tenha algum sentido para a criança. No seu desenvolvimento escolar, e no mundo em que está inserida no processo da leitura vivenciada como objeto de ensino na relação professor aluno, nas séries iniciais. Assim é que enfatiza os P. C. N. (1997, V2. p: 54):

A leitura na escola tem sido, fundamental, um objeto de ensino. Para que possa construir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata.

É de competência de o professor facilitar informações sobre o assunto cabendo a criança a construção do próprio conhecimento prévio da leitura com referência aos textos. A criança tem que presenciar o hábito da leitura, para ser um bom leitor e não por necessidade de uma leitura mecânica, mas a leitura vivenciada no dia-a-dia para a própria convivência funcional, dependendo do momento. Onde a leitura é um processo que pode ser fácil ou difícil depende do desempenho de cada um. A autora Abramovich sintetiza esta questão com as seguintes palavras:

A criança, dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivência, de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto... A questão é saber como o tema é abordado: se sem medo, sem reservar, sem fugir das questões principais ou fazer-de-conta que não existem... (1997:98).

A criança tem que produzir, e usar a sua criatividade para ter um bom desenvolvimento tanto dentro como fora da escola, trazendo o importante papel da família, na sua formação, com objetivo de educar.

O processo de leitura é determinante no rendimento escolar, e são interpretados como deficiência, na aprendizagem das leituras. O prazer de ler deve ser criado de acordo com os tempos de leitura feita pelo aluno diariamente.

É importante também ressaltar a metodologia de trabalho, em que vive cada momento junto com suas situações, de maneira a vivenciar o seu cotidiano e suas descobertas. Com isso cabe ao professor criar maneiras diferentes de como ensinar leitura.

O ato de ler vai ocorrendo ao longo de suas experiências existenciais. Desde sua concepção, a criança vai se exercitando nas tantas “leituras” que o seu pequeno mundo lhe permite, por meio de sua percepção sensorial; depois, a leitura da palavra vai se consolidando, ao longo da sua escolarização, superpondo-se à leitura do mundo.

No momento da alfabetização, ou mesmo depois, muitas crianças mostram-se preguiçosas para ler. Mas adoram ouvir. E é neste momento que a colaboração dos adultos e principalmente dos professores torna-se mais eficaz que qualquer outra coisa: Uma história, depois outra e mais outra. Em pouco tempo, ela estará lendo sozinha uma página inteira. E sentirá que acabou de conquistar o universo da leitura, o que lhe proporcionará um imenso prazer. Abramovich diz que:

Ler para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler sempre foi maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!(1997: 14).

A sala de leitura é, sem dúvida, o caminho mais fácil para uma criança se apaixonar pelas letras. Um ambiente convidativo, prateleiras repletas de obras literárias de boa qualidade adequadas a cada faixa etária, exemplares ao alcance de suas mãozinhas,

ninguém que lhe proíba o manuseio ou lhe chame a atenção pela desorganização das prateleiras. Ali, ela fará quantas leituras quiser, dependendo do seu interesse. Uma boa sala de leitura faz cócegas no intelecto. Quem resiste a uma tentação dessas?

Com o tempo, sua facilidade aumentará e ela, naturalmente, substituirá as leituras mais simples pelas mais complexas, subindo, degrau por degrau, o desafio da comunicação escrita e penetrando, assim, no mundo maravilhoso da literatura, a criança, com certeza, não sentirá atração muito forte pelos companheiros de rua ou por horas inteiras diante de uma tela que hipnotiza e paralisa.

A aprendizagem e o aprimoramento da leitura têm uma relação direta com a qualidade do trabalho escolar. Ainda que a escola não possa garantir a formação integral e definitiva dos leitores a ela cabe a responsabilidade de inserção formal das crianças no universo da escrita (manuscrita, impressa e virtual) através da alfabetização e do letramento.

Não é a toa que, no imaginário de muitas famílias, matricular um filho na escola significa, antes de tudo, torná-lo capaz de ler, escrever e contar. Ademais, o ato de ler também se coloca como um pré-requisito para as diversas aprendizagens previstas no currículo escolar.

Apesar da grande importância que a literatura exerce na vida da criança, seja no desenvolvimento emocional ou na capacidade de expressar melhor suas idéias, em geral, afinal por que as crianças não gostam de ler e fazem isto por obrigação? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou dos professores, talvez não. O que podemos perceber é que a literatura não está sendo explorada nas escolas como deveriam ser, isto ocorre em grande parte pela má formação de alguns professores que atuam nas escolas sem ter o hábito da leitura, e o pior, não sabem ler e mesmo assim tentam ensinar, isto é realmente uma grande contradição ao que se objetiva o sistema educacional.

A curiosidade e o exemplo são dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura. Assim os pais deveriam ler mais para seus filhos e principalmente dar o exemplo do hábito, mas este costume foi substituído pela televisão dentro dos lares. De

acordo com a pesquisa “A voz dos adolescentes” realizada pelo UNICEF, a leitura não é um hábito freqüente, 37% têm hábito de leitura ocasional; 23% não lêem; 17% só o fazem quando o professor manda, e outros 17% lêem com freqüência. Assim podemos afirmar que a população brasileira não tem o hábito de ler. Nesta perspectiva, cabe a escola desenvolver na criança o hábito de ler por prazer, e não por obrigação.

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer, cabe ao professor adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para a leitura, reconhecendo e descobrindo a magia que o livro proporciona.

CAPÍTULO II

2.1 Fases do Desenvolvimento Psicológico da Criança.

A Psicologia Experimental abriu caminhos para a redescoberta da Literatura Infantil neste século, tendo como elemento estruturador a inteligência que é construída por cada indivíduo ao longo de sua trajetória de vida, e neste percurso, diversas etapas do desenvolvimento da criança são vivenciadas até a adolescência, esta evolução é fundamental para a formação de personalidade do futuro adulto, estas fases é igual para todos, podendo ser mudada de acordo com o meio em que ela está inserida, é necessário que para a formação do leitor sejam indicados livros específicos de acordo com a sua faixa etária, observando seus comportamentos em cada etapa do desenvolvimento da criança, assim, é necessário a adequação de livros às diversas etapas pelas quais a criança normalmente passa. Há cinco categorias que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, o leitor em processo, o leitor fluente e o leitor crítico.

Primeira Infância: Movimento X Atividade (15/17 meses aos três anos) – O pré-leitor:

- Maturação, início do desenvolvimento mental;
- Fase da incensão da mão -reconhecimento da realidade pelo tato;
- Descoberta de si mesmo e dos outros;
- Necessidade grande de contatos afetivos;
- Explora o mundo dos sentidos;
- Descoberta das formas concretas e dos seres;
- Conquista da linguagem;
- Nomeação de objetos e coisas - atribui vida aos objetos;
- Começa a formar sua auto-imagem, de acordo com o que o adulto diz que ela é, assimilando, sem questionamento, o que lhe é dito;
- Reconhece e nomeia partes do corpo;
- Forma frases completas;
- Imita, principalmente, o adulto.

Fase do sensório-motor e pré-leitor, a criança não representa mentalmente os objetos, sua ação é direta sobre eles, assim deverá disponibilizar para essas crianças brinquedos que permitam a exploração do ambiente pelo tato e nomear os objetos, essas atividades serão o fundamento da atividade intelectual futura, e esse desenvolvimento acontece de acordo com a influência do meio a qual está inserido, seja na família, escola ou sociedade, nesta fase a criança começa a reconhecer o mundo ao seu redor através do contato afetivo e do tato. Por este motivo ela sente a necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance. Uma das características mais marcantes nesta fase é a aquisição da linguagem, onde a partir da percepção com o meio é possível estimulá-la por meio de músicas, brinquedos, álbuns, que possam ser manuseados proporcionando momentos simples de leitura e com o auxílio de um adulto nomear objetos.

Segunda Infância: Fantasia e Imaginação (dos 3 aos 6 anos)-

- Fase lúdica e predominância do pensamento mágico;
- Aumenta, rapidamente, seu vocabulário;
- Faz muitas perguntas. Quer saber “como” e “por quê?”;
- Egocentrismo-narcisismo;
- Não diferenciação entre a realidade externa e os produtos da fantasia infantil;
- Desenvolvimento do sentido do “eu”;
- Tem mais noção de limites (meu/ teu/ nosso/ certo/ errado);
- Tempo não tem significação-não há passado nem futuro, a vida é o momento presente;
- Muitas imagens ainda completando, ou sugerindo os textos;
- Textos curtos e elucidativos;
- Consolidação da linguagem, onde as palavras devem corresponder às figuras;
- Para Piaget, etapa animista, pois todas as coisas são dotadas de vida e vontade;
- O elemento maravilhoso começa a despertar interesse na criança.

A criança desenvolve a capacidade simbólica; já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, é capaz de pensar um objeto através de outro objeto, ela tem o trabalho de organizar as informações.

Este período caracteriza-se pelo egocentrismo, isto é, a criança ainda não se mostra capaz de colocar-se na perspectiva do outro, na sua concepção, o mundo gira em torno de si, dificultando assim, o relacionamento coletivo.

Nesta fase é importante a participação do professor/ educador como um participante ativo, fazendo com que haja uma interação com imagens e enredos curtos, histórias, perguntas e recortes, já que as crianças utilizam atividades lúdicas para descobrir o mundo real e a linguagem nesta fase, e por interessar-se por atividades lúdicas, o “brincar” com o livro será importante e significativo para ela. Os livros mais adequados para esta fase são os que apresentam um contexto familiar evitando os textos escritos.

Dos 6 aos 7 anos- O leitor iniciante:

- Interesse por ler e escrever. A atenção da criança esta voltada para o significado das coisas;
- O egocentrismo está diminuindo. Já inclui outras pessoas no seu universo;
- Seu pensamento está se tornando estável e lógico, mas ainda não é capaz de compreender idéias totalmente abstratas;
- Só consegue raciocinar a partir do concreto
- Começa a agir cooperativamente;
- Textos mais longos, mas as imagens ainda devem predominar sobre o texto;
- O elemento maravilhoso exerce um grande fascínio sobre a criança.
- Leitor iniciante.

É nesta idade que se inicia o aprendizado formal da escrita. Requerendo ainda o predomínio da imagem como ferramenta para ajudar a criança a entender o texto. Assim, as situações apresentadas devem ser simples, referir-se ao mundo maravilhoso do cotidiano, com toques de humor e situações inesperadas, tendo começo, meio e fim, as imagens devem predominar sobre o texto, tendo como personagens seres humanos, bichos, robôs, e objetos engraçados, ou que o bem vença o mal, atraem muito o leitor nesta fase. Essa é a fase em que a criança começa a apropriar-se da decodificação dos

símbolos gráficos, mas como encontra-se no início do processo, o papel do adulto como “agente estimulador” é fundamental.

A partir dos 8 a 9 anos- O leitor em processo:

- Domina a leitura com facilidade;
- Tem capacidade de dominar o lógico realizando operações mentais;
- Aceita o adulto como apoio para o estímulo à leitura;
- Sente a tração pelo humor e fantasia;
- Interessa-se pelo conhecimento das coisas e questiona a natureza.
- Leitor em processo.

Nesta fase em que a criança já tem um domínio maior do mecanismo de leitura, indica-se livros contendo imagens dentro de uma relação dinâmica entre o verbal e o visual, de modo a ampliar a compreensão do texto com começo, meio e fim, as histórias preferencialmente devem contar com uma situação central, a ser resolvida com toques de humor e situações inesperadas, podendo ser reais ou fantásticas.

Dos 10 aos 11 anos - O leitor fluente:

- Compreende a mensagem trazida pelo livro;
- Capacidade de concentração e reflexão;
- Desenvolve-se o pensamento hipotético dedutivo;
- Capacidade de abstração;
- Relacionam capacidades afetivas com a inteligência e a reflexão;
- A fase da pré-adolescência;
- Já não necessita da presença do adulto;
- Interage em grupos;
- Valorização de textos, dispensando as imagens;
- Atração pelos heróis e gêneros narrativos como contos, crônicas e novelas, mitos, lendas, ficção científica, abre espaço para o amor;

- Possui uma linguagem mais elaborada.

Nesta idade, o leitor já domina o mecanismo da leitura, tem maior capacidade de concentração e abstração e é capaz de compreender o mundo expresso no livro. Os textos podem ser mais densos, maiores, com uma linguagem mais elaborada, sendo as imagens dispensáveis. Este estágio, chamado de pré-adolescência, promove mudanças significativas no indivíduo. Há um sentimento de poder interior, de ver-se como um ser inteligente, reflexivo, capaz de resolver todos os problemas sozinho, retomando assim, o egocentrismo infantil apresentando um certo desequilíbrio com o meio em que vive.

A partir dos 12 aos 13 anos - O leitor crítico:

- Reflete com maior profundidade;
- Fase do desenvolvimento do pensamento crítico;
- Almeja a auto-realização, surgem novos valores.
- Domina totalmente a leitura e a escrita.

Nesta etapa encontra-se o leitor crítico que, por ter um pensamento mais reflexivo e dominar plenamente a leitura, é capaz de fazer uma reflexão mais profunda do texto e da realidade, aplica lógica e hipóteses a coisas estranhas. O mercado editorial para essa faixa etária é bastante amplo. O leitor crítico continua a interessar-se pelos tipos de leitura da fase anterior, porém é necessário que ele se aproprie dos conceitos básicos da teoria literária.

Todos estes estágios psicológicos da criança devem ser respeitados e estas etapas precisam ser observadas, desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa desde cedo em casa e se aperfeiçoa na escola e continua pela vida inteira, a criança que ouve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

2.2 As diversas modalidades de textos infantis e os aspectos metodológicos.

O professor alfabetizador defronta-se na maior parte das vezes, com um grande dilema: ele está consciente do enorme compromisso, que tem de iniciar os seus alunos pelos caminhos da leitura, pelo mundo da palavra, e sabe também que da qualidade desse trabalho é que depende, em muito, o sucesso da formação do gosto pela leitura na criança, por outro lado, sente por muitas vezes, a falta de apoio por parte da família, estatísticas comprovam que os leitores que conseguem fazer dessa atividade um prazer, tiveram pais que leram para eles na infância.

A criança é um ser que está sempre fantasiando, acreditando em estórias de magias, fadas, bruxas, mestres dos magos, heróis, gigantes, príncipes, princesas, duendes, sereias e até mesmo nos mais horríveis fantasmas aterrorizantes, assim, precisamos ter uma visão crítica e reflexiva ao indicarmos livros infantis aos nossos alunos, pensando na faixa etária que ela se encontra, seus interesses, de que forma contar as histórias e principalmente que tipo de história deve ser escolhida. Em suas palavras Abramovich afirma:

Para contar uma história - seja qual for - é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma nação... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acento das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (1991,18)

Naturalmente, deve-se fazer uma seleção inicial, considerando-se cada criança por ser um ser único, as que se encontram na faixa etária de 1 a 2 anos prestam atenção no movimento dos objetos que representam os personagens, prende-se ao tom de voz e não simplesmente ao que está sendo contado, gostam das histórias pequenas, o ideal é que o material contenha apenas uma gravura em cada página, mas que possa atraí-las visualmente, nesta fase a criança precisa manusear os objetos da história, o livro deve ser de borracha, madeira, de pano, e os próprios fantoches, nessa idade há um interesse por histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza.

As crianças de 2 a 3 anos, ainda são atraídas pelas histórias simples onde as situações possam se aproximar de suas próprias vidas, elas acreditam que tudo é real, que tem vida, a entonação e o ritmo a ser contada a história deve sempre ser observadas, a criança desta faixa etária são fascinadas por músicas.

Já as crianças na idade de 3 a 6 anos solicitam várias vezes a mesma história e escutam sempre com encanto e interesse, há um predomínio absoluto da imagem sem texto escrito, adoram a dramatização feita pelo adulto, assim, o professor deverá utilizar-se de recursos como roupas características, máscaras, chapéus, etc, durante a história produzir dobraduras, personagens com massas de modelagem, poderá ser feito ainda, indagações, permitindo que as crianças possam falar e citar exemplos de sua própria vida comparando-as às histórias proporcionando prazer, alegria e fantasia.

A criança deste século não é a mesma de muitos anos atrás, num passado muito distante, os pais eram obrigados a ler e reler dezenas vezes as histórias que seus filhos gostavam. Hoje, o computador já pode fazer isso por eles, pensando nisso, o professor sente que alguma coisa precisa ser feita além de contar uma historinha de vez em quando e levar os alunos à biblioteca uma vez por semana. No computador a criança dispõe da narração dos próprios personagens com efeitos especiais que fascinam e encantam, produzem suas próprias histórias e se divertem com inúmeros tipos de jogos, acessam a internet, enviam suas mensagens por e-mail, socializando com colegas.

Todas essas atividades são realizadas havendo a prática da leitura, fluindo a criatividade, o prazer, o entretenimento, tornando a literatura um instrumento de socialização sem que a “pressão” por parte do professor, porém, devemos analisar métodos para as crianças que não têm a disponibilidade destes recursos, seja pelo fator social, econômico etc, ou até mesmo pela falta de recursos da própria Escola.

Os gêneros literários fazem parte do processo de ensino aprendizagem há muitos anos, uma vez que é através desses que a criança brinca com as palavras, fantasiam, criam e viajam... A poesia é um dos gêneros mais distintos dos demais, como também é o que mais sofre preconceitos quando se trata de produzir para crianças, isto porque há poetas que consideram seus textos impróprios para a versão infantil, por não ter sensibilidade,

brincar com as palavras de modo a cativar as crianças, o poeta deve saber lidar com toda com toda uma ludicidade verbal, sonora e musical, no jeito como vão juntando as palavras e acabam por tornar a leitura muito divertida, a ponto de incentivar a criança a produzir poesias sem exigências exageradas em relação a temas, tamanhos, rimas etc.

Como recursos para despertar o interesse do pequeno leitor utilizam-se de rimas bem simples e que usem palavras do cotidiano infantil, um ritmo que apresente certa musicalidade ao texto, repetição para fixação das idéias e melhor compreensão, deve ser movente, surpreendente, lúdica, gostosa e tem que ter jogo de palavras, assim, lendo as considerações de Abramovich podemos refletir acerca disso:

Tem quem ache que a poesia para crianças tem que ser pequenininha, bobinha, mimosinha e outrosinhos... Que deve contar como a plantinha cresce, como a chuvinha caindo faz a folhinha ficar grande e forte e outras tatibitatices que acabam irritando a criança por acharem que com ela é um bebê, que com ela só se fala no diminutivo, que gosta de frases débil mental e que está curiosa em relação a assuntos pra lá de interessantes prum berçário, mas jamais pra um aluno de 1ª ou 3ª... (1997:66).

E dentro dessa poesia, apesar de não ser obrigatório, deve-se usar recursos poéticos como a rima e o ritmo, tornando assim, a leitura gostosa, provocando maravilhosas sensações retratando sonhos e desejos através dos diversos tipos de poemas, basta saber selecionar, é preciso conhecer, saborear para transmitir emoções, o professor dispõe de muitos elementos para se trabalhar poesia na sala de aula, como a leitura em voz alta, através de um álbum, música, caderno, pesquisar as poesias que falam de assuntos diversos, selecioná-las trocar experiências de vida comparando com os acontecimentos de sua própria vida, fazer leitura em conjunto, refazer poesias de outros autores, criar melodias e acima de tudo o professor deve acreditar na alma poética que existe em cada criança.

O conto caracteriza-se por ser uma narrativa curta, vai diretamente ao ponto, tem linguagem objetiva, direta e concreta, estes atravessam gerações através da tradição oral, pode-se dizer que os contos de fadas, na versão literária, interpretam questões universais, como o conflito do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia, no clima do “Era uma vez...”, por lidarem com conteúdos da sabedoria popular, com

conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje. Neles encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências materiais e afetivos, as perdas, as buscas e a solidão, podem ainda, encarnar o mal e apresentarem como o avesso da imagem anterior, isto é, como bruxas, fadas, anões, duendes, gigantes, animais, plantas etc, sobre isto Abramovich diz:

Pois é só estarmos atentos ao nosso processo pessoal, às nossas relações com os outros e com o mundo, à nossa memória e aos nossos projetos, para compreender que a fantasia é uma das formas de ler, de perceber, de detalhar, de raciocinar, de sentir... o quanto a realidade é um impulsionador (e dos bons!!!) para desencadear nossas fantasias... (1997: 138).

Lenda é uma narrativa de cunho popular que é transmitida, principalmente de forma oral, de geração para geração. As lendas não podem ser comprovadas cientificamente, pois são frutos da imaginação das pessoas que as criaram. A lenda em especial as mitológicas constitui o resumo do assombro e do temor do homem diante do mundo e uma explicação necessária das coisas, a lenda assim, não é mais do que o pensamento infantil da humanidade. Algumas fazem parte do nosso folclore e são passados de pais para filhos, isto porque no começo do mundo, os seres humanos não escreviam, mas conservavam suas tradições orais, com referências históricas e imaginárias.

O folclore brasileiro é rico em lendas regionais. Destaca-se entre as lendas brasileiras os seguintes títulos: “Boitatá”, “Boto cor-de-rosa”, “Caipira ou Curupira”, “Iara”, “Lobisomem”, “Mula-sem-cabeça”, “Negrinho do Pastoreiro”, “Saci Pererê” e “Vitória Régia”, muitas vezes a memória humana falhava, daí entrava a imaginação.

A fábula é uma narrativa simbólica de uma situação vivida por animais, tem por objetivo transmitir certa moralidade referenciando uma situação humana onde o “certo” deve ser copiado e o “errado” deve ser evitado, as associações feitas entre animais e seres humanos mantiveram-se fixas em várias histórias e permanecem até hoje, mostrando o afeto existente entre estes seres, as histórias ao mesmo tempo em que distraem o leitor, apresentam as virtudes e os defeitos humanos através de animais a exemplo das tartarugas, lebres, raposas, formigas e cigarras, através das histórias elas criticavam os

valores da sociedade e de sua época através dos personagens, acredita-se que esse tipo de texto tenha surgido no século XVIII na Grécia, e foi se perpetuando e reinventando em outros países.

Há muito tempo vem se discutindo sobre as diversas modalidades de texto em sala de aula e seus desafios enfrentados ao longo de toda uma trajetória de ensino, uma espécie de maratona vivida durante o ano letivo, elabora-se currículos, projetos, etc, e muitas vezes o professor trabalha com um leque muito pequeno de alternativas, conhece pouco a literatura infantil e abandona um espaço que deveria ser privilegiado na sala de aula que é a biblioteca.

Daí passa-se ser necessário um planejamento, mesmo que a Escola não possua biblioteca, é possível organizar a partir da escolha de um local adequado com algumas estantes ou prateleiras, selecionar livros já existentes na escola ou sugerir que as crianças façam campanhas nas livrarias para arrecadá-los ou tragam de casa um livro de sua preferência, restaurar os livros menos conservados com a ajuda de outros professores como arte, geografia, etc, organizar de acordo com os temas, autores, tamanhos, cores ou até mesmo na forma que a criança inventar, não importa a quantidade de livros, mas que sejam apreciados, folheados pelas crianças garantindo a diversão. *“Afinal, ler é um lazer que pode ser saboreado a qualquer hora e que dispensa companhia... É um dos poucos brinquedos com que se pode brincar sozinho ou junto com as personagens...”* ((ABRAMOVICH, 1997:152).

É importante também perceber quando aquele livro já não interessa a criança, para que repasse para outra pessoa e procurar outro livro para ser substituído, neste caso, quando a criança dispõe de uma biblioteca particular, já a biblioteca escolar ou a de classe, pode dispor de revistas, jornais, enciclopédias, almanaques, gibis, dicionários, a Bíblia, álbuns, mapas etc, isto faz com que a criança tenha umas disponibilidades visuais, conhecendo diversas culturas, fazendo pesquisas e consultas que abordam diferentes assuntos desenvolvendo cada vez mais o imaginário ou o real, abrangendo conhecimentos que são promovidos simplesmente pelo fato de existir uma biblioteca onde a criança faz a sua escolha, dê opiniões, critique, leve o livro para casa, faça

leituras individuais, coletivas, no chão, no pátio, na mesa, produzir novas histórias a partir das já lidas, ilustrá-las, dá títulos novos, debater etc.

2.3 A importância de ouvir e contar histórias infantis

Ouvir histórias tem uma importância muito grande para a criança, é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se o adulto adora ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que a sua capacidade de imaginar é mais intensa. É importante que a criança ouça histórias desde muito pequena é a partir deste período que ela vai mostrar interesses demonstrados através de gestos como bater palmas, sorrir, imitar personagens. A narrativa faz parte da vida do bebê através das canções de ninar depois das cantigas de roda, os primeiros contatos da criança com o texto deve ser pela oralidade dos pais, tios, avós, entre outros parentes e vizinhos. Ao longo de seu desenvolvimento intelectual, a criança sente a necessidade de saber sobre a história de sua vida, de que forma ela veio ao mundo.

A partir daí ela vai se interessando por outras histórias, escolhendo as que mais lhe agrada, participando das discussões, reinventando-as, fazendo hipóteses, comparando-as com a sua história de vida. Outro fator muito importante é o vínculo que é estabelecido entre o contador da história e o ouvinte, pois não há experiência mais gratificante do que compartilhar esse momento com alguém a qual a afetividade é compartilhada. Nesse momento as histórias reais devem prevalecer, só algum tempo depois, as crianças passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, a exemplo de contos de fadas, contos maravilhosos, poemas, ficção, etc, tendo a possibilidade de envolver o real e o imaginário.

Segundo Abramovich (1997, p. 23) *“quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”*, neste sentido podemos afirmar que é muito importante contar histórias para as crianças que já sabem ler sozinhas, isso faz com que elas aprimorem cada vez mais o conhecimento e imaginação estimulando o pensamento criativo, lógico e capaz de compreender a sua própria realidade. Nas palavras de Chalita:

As histórias nos permitem conhecer e criar mundos fantásticos, repletos dos seres mais extraordinários e das sensações mais diversas... Sem elas, a infância, a adolescência, a juventude e a maturidade estariam condenadas a ocupar um palco sombrio, triste, desprovido de atores verdadeiramente apaixonados. (2005: 10).

Na concepção da grande maioria dos pais, as crianças que não sabem ler também não se interessam por livros e assim evitam o contato com eles, isso realmente é um grande erro, pois as crianças adoram as cores, as figuras e se interessam para saber o que dizem aquelas palavras contidas nos livros, desta forma, o adulto deve possibilitar que a criança toque no livro, folheie e descubra aos poucos que ali existe um mundo mágico a ser descoberto.

CAPÍTULO III

3.1 Estudo de caso

Antes de aplicarmos os questionários com os alunos e os professores tivemos um breve diálogo com a direção, professores e educandos a fim de expor os objetivos do trabalho a ser desenvolvido, fizemos uma observação na Escola em seus diversos aspectos, tanto no físico quanto na perspectiva metodológica da prática adotada associada a entrevistas planejadas seguida de anotações para colher os dados mais relevantes para a pesquisa que nas palavras de Matos:

A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial fazer o registro". (MATOS, 2001, p.58).

Sendo assim, os questionários foram feitos a cinco professores, um com formação superior completa e quatro em processo de graduação, e com quinze alunos da terceira série do ensino fundamental. Neste sentido, fica evidente que a pesquisa realizada é realmente um estudo de caso onde o exame nos colaborou para o estudo em questão, pois segundo Gil apud Matos (2001 p 58): *"O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados"*.

Tendo em vista a temática da pesquisa Literatura infantil: quando a leitura se torna prazerosa, o principal objetivo foi colher dados importantes que pudessem servir de subsídios básicos para estudo deste projeto, para tanto utilizamos como instrumento questionários com perguntas e respostas optativas para os alunos e questões abertas para os professores acerca do tema, isto de forma clara e objetiva. A seleção dos professores á serem questionados foi feita de acordo com as séries.

Deste modo, o questionário com perguntas fechadas engloba respostas dispostas, mas que não expõe a influência do pesquisador ou qualquer outra pessoa, apenas para esclarecer as perguntas feitas, e as questões abertas, quando o respondente expressa livremente suas opiniões, assim afirma Matos (2001) que as questões são fechadas quando as opções da respostas são dadas, e mistas, e o respondente o fará de acordo com suas idéias, já o questionário para os professores dispunha de questões abertas que possibilitava respostas livres.

No entanto com a realização desse trabalho objetivamos subsidiar cada vez mais a prática da leitura e escrita voltada para a formação dos leitores através do encanto que a literatura infantil proporciona e foi a partir desta necessidade que este projeto foi realizado.

A instituição escolhida para realizarmos o estudo da pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Lacerda, localizada no Sítio Boi Morto município de Aparecida na Zona Rural.

3.1.1 Caracterização da escola

Constatamos por meio da observação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Lacerda que a referida instituição dispõe de 2 (duas) salas de aula, 2 (dois) banheiros, 1 (uma) cozinha, 1 (uma) secretaria e 1 (um) pátio para recreação.

Através de pesquisas com os componentes da escola a mesma foi construída para atender as necessidades da comunidade, pois nesta localidade não existia nenhuma instituição que pudesse atender as necessidades de aprendizagem daquele setor.

A escola oferece o Ensino Fundamental de primeira a quarta série como também uma turma do (EJA) Educação de Jovens e Adultos. A realização dos planejamentos da escola é feita mensalmente com todos os professores e supervisores, a fim de discutir os problemas encontrados e tentar procurar as melhores soluções possíveis.

Assim como a grande maioria das escolas públicas, a escola Antônio Lacerda é composta por alunos que possuem um poder aquisitivo baixo, no entanto percebemos que há uma carência muito grande por parte dos pais no sentido de acompanhar seus filhos, dando-lhe apoio e suporte necessário no processo de aprendizagem, também podemos perceber que há alunos que tem acarretam para a sala de aula muitos problemas adquiridos na família. Para tentar solucionar tais problemas, a escola realiza bimestralmente reuniões com os pais, a fim de encontrar apoio, colhendo informações sobre os filhos através de diálogo visando à melhoria dos mesmos e orientando-os da melhor forma possível.

Em relação às avaliações, as mesmas acontecem de forma contínua através de provas escritas, trabalhos em grupo, individuais e pela participação dos alunos durante as atividades em sala de aula.

3.2 Análise dos questionários dos professores

Este item destine-se a apresentar os dados coletados junto aos professores de uma escola da rede municipal de ensino. A elaboração das questões voltadas para o tema Literatura infantil focando a importância da leitura e seus aspectos, foram feitas perguntas claras Assim, tivemos a participação de 5 (cinco) professores, 2 (dois) com formação acadêmica e 3 (três) em processo de formação superior. Todos voltados para o curso de Pedagogia e vale ressaltar que a maioria já atua em sala de aula há muito tempo.

Assim sendo, iniciamos o questionário para os professores perguntando de que forma os mesmos incentivam seus alunos para a prática da leitura, os mesmos responderam que trazem para a sala de aula textos e livros como também formulando hipóteses e criando expectativas sobre o que vai ler.

Ao serem questionadas se o hábito das crianças iniciarem a sua prática da leitura antes da entrada na escola, todas foram unânimes em afirmar que isto não só pode como deve acontecer, mas para isto deve ter a contribuição da família, que pode incentivá-los através da leitura de histórias infantis, imitações ou até mesmo dando o exemplo do hábito diariamente,

como também fazer com que a criança tenha acesso a livros, jornais, revistas, músicas e textos com muitos desenhos chamativos. Sobre isso, Cademartori (2006: 74), diz: *“O livro e a leitura, nesse momento, serão apresentados à criança como o suporte e a ação do conhecimento que legitima o esforço empreendido para tornar-se alfabetizados”*. Isto significa dizer que mesmo sem saber ler e escrever, a criança vê o mundo e ouve a língua, através de sua percepção e que a escolaridade precisa contar com a experiência pré-escolar para realizar-se.

E ao perguntar de que forma os professores trabalham com os alunos a literatura infantil, responderam que fazem dramatizações, contam histórias feitas pelos próprios alunos, usam fantoches, ilustrações sanfonadas, baú surpresa entre outros. Ainda lêem histórias para incentivar a prática de ler e ouvir histórias. Nota-se que contar histórias ainda é uma das principais formas de transmitir o conhecimento, isto acontece desde as primeiras idades do mundo, quando os homens não escreviam, conservavam suas lembranças na tradição oral e quando a memória falhava a imaginação fluía fazendo com que as mais diversas expressões nascessem, com isso se misturavam os relatos entre referenciais históricos e imaginários.

Questionamos quais os recursos utilizados para trabalhar a leitura na sala de aula, eles afirmaram que um dos principais é o livro didático, trazem ainda revistas, rótulos de embalagens, jornais e vídeos, e para facilitar o trabalho em sala de aula os professores selecionam os textos de acordo com a faixa etária de cada criança respeitando as suas limitações.

Para despertar a curiosidade sobre as histórias, os educadores questionam as crianças antes de começar a lê-las.

Em relação aos aparatos tecnológicos, todos ressaltaram que são aliados no processo de formação do leitor, afirmam ainda que é um recurso riquíssimo, mas que deve ter sempre o acompanhamento dos professores e estes devem estar aptos a lidar com os equipamentos adequando-os às atividades trabalhadas, desta forma o conhecimento acontece de forma

contextualizada e não aleatória. Mas justificaram que são pouco utilizados pelo simples fato da dificuldade de acesso a esses recursos.

Os professores ressaltam que as histórias infantis é uma das formas de consciência de mundo, pois as mesmas podem ser associadas a fatos reais e no decorrer destas atividades eles realizam um conhecimento prévio sobre a vida de cada aluno, isto faz com que os mesmos desenvolvam a sua capacidade de refletir acerca dos valores, atitudes de coragem e sabedoria e conciliar os fatos entre as histórias e a sua própria vida, pois, de acordo com as palavras de Chalita (2005, p.11)

Acreditamos que as dificuldades, os conflitos, as guerras e a intolerância que gradativamente se apoderam do mundo são resultados dessa total inversão de valores que predomina nas sociedades - configurando um tempo em que até mesmo a esperança parece estar mais escassa. (CHALITA, 2005, p.11).

A ultima indagação feita foi, se os alunos costumam associar as características entre humanos e animais, feitas pelas fábulas. Nesta perspectiva, responderam que isto acontece sempre antes e durante as leituras.

E é com o espírito de comprometimento de formar e informar não só as crianças, mas também aos pais, professores e todos aqueles que são responsáveis por todo o processo de construção do saber humano, que este projeto foi realizado.

3.3 Análise dos questionários dos alunos

Realizamos questionários com questões fechadas totalizando 10 (dez) perguntas, para um total de 16 (dezesseis) alunos do terceiro ano do ensino fundamental e tendo como principal tema a literatura infantil voltada para a prática da leitura, neste sentido, a primeira pergunta feita foi se os alunos realmente gostam de estudar, do total apenas dois dos alunos responderam que não, os demais afirmaram que gostam da prática da leitura.

No que diz respeito a segunda questão, perguntamos quais os personagens que eles mais gostam, apenas 1 (uma) criança marcou a alternativa Branca de Neve, 5 (cinco) marcaram Tarzan, 9(nove) responderam que era a Cinderela e apenas 1 (um) afirmou que gostava da história da Chapeuzinho vermelho.

Já a terceira questão, foi quem mais lhe incentiva a ler, 4 (quatro) respondera que era a mãe, 1 (uma) marcou a alternativa irmã, 3 (três) disseram que é o pai e 8 (oito) assinalaram que a professora é a grande incentivadora da leitura.

A quarta pergunta diz respeito a que lugar eles mais costumam ler, 06 (seis) alunos marcaram que sempre liam em casa, e a grande maioria 12 (doze) disseram que tinha o hábito constante de ler na escola. Este resultado só afirmar que é na escola que as crianças ainda têm a oportunidade de se sentir acolhedor para conhecer o novo, interagir com outras crianças, receber o incentivo dos professores através de propostas diversificadas, já que na família, as mesmas ainda não tiveram esta oportunidade, pelo simples fato de que os pais estão cada vez mais atarefados, com ritmos de vida corriqueira e esquecendo-se ou talvez deixando essa responsabilidade de proporcionar momentos de aprendizagem apenas para a escola. E o pior, algumas destas famílias são desestruturadas, pais separados, analfabetos, desmotivadores, etc.

Constatamos na quinta questão que os tipos de histórias que as crianças mais gostam são muito diversificados, pois 4 (quatro) marcaram poesia, 04 (quatro) afirmaram que era lendas, 05 (cinco) disseram que adorava ler fábulas e apenas 02 (dois) escolheram contos. Nessa perspectiva, podemos afirmar que todos esses gêneros literários fazem parte da vida das crianças no seu processo de desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, como também são propostas a serem trabalhadas pelo professor em sala de aula, diversificando e adequando a faixa etária dos alunos.

Nota-se, que de acordo com esses dados, os gêneros literários ocupa um espaço considerável na vida dos pequenos leitores, que ao mesmo tempo em que estão sendo instruídos os

mesmos se divertem com o encanto da fantasia, com o imaginário, o real, o romance, as aventuras, com os conflitos, os personagens humanos e animais.

Na pergunta seguinte, foi se na escola a qual estuda, tem algum lugar apropriado para leitura, e de acordo com as respostas colhidas, 09 (nove) marcaram que não e 07 (sete) disseram que sim. Este é um item importante, que segundo Coelho (2000):

... O espaço-escola deve se diversificar em dois ambientes básicos: o de *estudos programados* (sala de aula, bibliotecas para pesquisa, etc.) e o de *atividades livres* (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.) (COELHO, 2000, p. 17).

Quando questionados sobre os tipos de histórias que eles preferem, as opiniões dos entrevistados são diversificadas quando 5 (cinco) preferem heróis valentes e destemidos, 5 (cinco) escolheram os seres mágicos, 4 (quatro) marcaram a alternativa dos animais falantes e apenas 3 (três) disseram que preferem histórias de objetos com vida.

A oitava questão foi relacionada aos personagens que mais chamam a atenção dos entrevistados, enquanto que 8 (oito) responderam que era os heróis, 8 (oito) marcaram a alternativa vilão, e apenas 1 (um) escolheu a personagem princesa. Com relação à nona questão levantada, se refere ao que eles sentem quando a professora narra histórias. E de acordo com as respostas colhidas, apenas 2 (dois) disseram que não gostam, 8 (oito) afirmaram que gostam e ficam muito contente, e 6 (seis) marcaram a alternativa que diz gostar muito e pede para que a professora conte outra vez a história. Narrar uma história é uma atividade muito prazerosa para quem ouve e também para quem conta, faz despertar interesse das pessoas de qualquer idade, mesmo para as crianças que já sabem ler, as histórias aprimoram cada vez mais o conhecimento, estimulando a criatividade, a imaginação e a capacidade de criticidade a través da compreensão da sua própria realidade.

E por ultimo indaguei sobre a frequência qual em que a professora narra histórias, e todos foram unânimes em afirmar que isto só acontece algumas vezes. Neste momento a

professora afirmou que esta atividade não acontece com mais frequência devido a outras atividades que devem ser trabalhadas.

Contudo, pode-se perceber ao término desses questionários que a literatura infantil ainda não é valorizada como deveria, além disso, nesta instituição não há recursos físicos para que viabilize o despertar do interesse pela leitura e falta a dedicação por parte de alguns professores no sentido de contextualização enfocando a literatura infantil, outro aspecto relevante é que a família dos educandos não os auxiliam neste processo, isto faz com que haja desinteresse.

3.4 Análise do estágio

A prática docente requer de nós, educadores, uma inteira disponibilidade e atenção no que diz respeito aos métodos pelo qual trabalhamos em sala de aula, e foi nesta perspectiva que iniciamos o estágio na escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Lacerda localizada na zona rural do município de Aparecida, entre os meses de setembro e outubro do corrente ano, na turma de terceiro ano do ensino fundamental, propondo novas perspectivas curriculares através da literatura infantil, a partir desse eixo norteador percorremos um longo caminho deparando-nos por diversas vezes com obstáculos para que a literatura infantil pudesse na verdade fazer parte das atividades escolar, para tanto buscamos estar sempre interdisciplinando os conteúdos, inovando métodos, incentivando a leitura e respeitando os ritmos e as particularidades de cada aluno.

De início tudo parecia muito complicado devido a mudanças na forma de aprendizagem a qual os alunos estavam habituados, isto fez com que alguns extravasassem a sua energia, pois realizamos atividades em que o foco não era apenas o livro didático, o quadro de giz, ou até mesmo o próprio professor, assim procuramos estar perceptivos para o que essa liberdade poderia proporcionar, entendendo que isto não significa falta de organização, o que nem sempre é compreendido pelo professor, outro ponto muito forte que vale ressaltar é que tivemos que trabalhar a falta de auto-estima de alguns alunos, que muitas vezes se sentiam incapazes de realizar atividades de interação com todos, somente com a presença constante e próxima do professor.

Ao chegarmos à escola fomos muito bem acolhidos por todos, inclusive pelas crianças que nos aguardavam com muita ansiedade, após as apresentações, realizamos uma dinâmica onde todos puderam demonstrar seu nível de leitura com muita descontração através de recortes e frases elaboradas que chamou a atenção da turma que por sua vez puderam expor os tipos de historinhas que mais gostam e seus respectivos personagens, como também a forma pelo qual eles preferem conhece-las, logo na primeira semana podemos perceber que a grande maioria tinha certa dificuldade na leitura por vários motivos, alguns por não gostarem de ler, outros por falta de interesse próprio, dentre outros motivos, inclusive pela falta de estímulos tais como materiais, ambientais e pessoais.

Tendo em vista que a localização da mesma nos preocupa com relação a dificuldade de acessibilidade com outros municípios a qual disponibilizam espaços educativos mais amplos e confortáveis para a prática da leitura e atividades de interação, na referida escola não possui biblioteca para promover atividades de pesquisa e estudo, percebemos a partir da fala de alguns alunos que este seria um dos melhores lugares da escola, onde pudessem pesquisar, visitar, ver vídeos, etc. Com isto atenderia as necessidades de leitura e informação sendo um espaço que segundo Antunes,

...caracteriza-se como um lugar dinâmico, vivo, atraente, ao qual dá vontade de voltar sempre. Como centro de informação é onde se encontra a disposição do usuário, o acervo organizado com a informação em qualquer meio (livros, revistas, fitas de vídeo, CDs, gravuras, etc). (ANTUNES, 2008, p.44).

Contextualizando os conteúdos, trabalhamos o mapa do município, elaborando o percurso que cada um faz de casa até chegar na escola produzindo um texto sobre o que acontece neste percurso, bem como discutimos sobre os hábitos em que adquirimos doenças advindas do solo a partir do texto Jeca Tatu, analisando e interpretando criticamente, destacando ainda o autor do texto, que por sua vez nunca é lembrado durante as leituras, fizemos ainda um breve reconhecimento das principais partes do livro e suas características tais como capa, orelhas do livro, a lombada, a folha de rosto, o sumário, a ilustração, os anexos, o

número de páginas, o tipo e tamanho da letra e o tipo de papel para melhor uso e explorar tudo que há de mais interessante a oferecer aos leitores.

Na mesma semana criamos a mala da leitura, onde cada um dos alunos a levava para casa e incluiu novas leituras como receitas, bulas, notícias, gibis etc, destacando as palavras que sofreram modificações no novo acordo ortográfico, isso facilitou o conhecimento espontâneo da mudança na língua portuguesa.

Apesar da sala de aula possuir o cantinho de leitura, podemos verificar que a mesma estava sendo pouco utilizada, pensando nisso, a partir da segunda semana, promovemos um momento diário onde todos poderiam ter contato com os livros que ali se encontravam e a cada dia um aluno lia a historinha que mais lhe chamou a atenção e repassava para os demais alunos destacando os personagens e toda a trama elaborada pelo autor, realizamos uma pesquisa sobre o que é o conto, a fábula, a poesia e a lenda para que os mesmos tivessem acesso a diversos livros, assim sendo dividimos a turma por cada modalidade de texto produzimos um painel com os resultados da pesquisa, neste momento verificamos que ainda há alunos que não demonstram interesse pelo hábito da leitura e pesquisa, alguns preferem ser simplesmente meros expectadores do professor.

Apesar de muito se discutir a respeito da dificuldade de leitura, percebe-se que este é um longo caminho a ser galgado, um obstáculo a ser vencido, pois não basta identificar as palavras, é preciso compreendê-las, interpreta-las e relaciona-las, isso nos leva a refletir que o professor não possui a função de ensinar a ler, mas a obrigação em garantir as condições para que a criança construa seu próprio aprendizado de acordo com suas necessidades e interesses de produzir, e foi neste sentido que trabalhamos com as histórias em quadrinhos a partir do vídeo: “Branca de neve e os sete anões”, este proporcionou uma bela discussão acerca dos personagens e do enredo em si, em seguida, cada aluno produziu sua própria historinha inspirado no vídeo, dando novos rumos aos personagens destacando em cada cena as falas dos mesmos, neste momento notamos o grande interesse dos alunos por suas produções, neste sentido Coelho diz que:

... o interesse maior que os pequenos demonstram pelos livros ilustrados, ou mais ainda, pelas histórias em quadrinhos, está na facilidade com que

esse tipo de literatura “fala” à mente infantil; ou melhor, atende diretamente à natureza ou às necessidades específicas da criança... as imagens no livro infantil são essenciais no processo de comunicação mensagem/ sincrético/ globalizador que é característico da infância. (COELHO, 2000, p.217).

Durante as atividades em grupo procuramos separar as crianças de modo que aquelas que tinham um maior desempenho auxiliassem as que de algum modo tinha suas dificuldades, isto facilitou que o conhecimento fosse compartilhado entre eles, e ao mesmo tempo o sentido da amizade foi se tornando cada vez mais forte, onde nas palavras de Chalita (2005, p. 29): “A literatura - apenas para ficar na seara das letras - é profícua na criação de personagens maravilhosos cujas histórias foram construídas tendo a amizade como pilar de suas aventuras e peripécias ao longo da trama e que estão inseridas”. Neste sentido, percebemos que a literatura infantil é uma alternativa a ser acolhida por todos os educadores uma vez que possibilita ser tratada em qualquer idade, tema e série já que a mesma é multidisciplinar.

Já na terceira semana de estágio, vimos que os alunos estavam muito empolgados com as atividades e já mostravam grande interesse em participar das atividades de leitura e notamos o bom aproveitamento dos alunos a exemplo das produções textuais incentivados por meio da confecção dos personagens com objetos descartáveis, e apresentar as historinhas imitando as falas de cada um. Neste momento, notamos que as crianças sentem-se muito a vontade para participarem das atividades.

Por ser uma atividade diária, a leitura muitas vezes torna-se cansativa e repetitiva principalmente se o único recurso utilizado for o livro didático, por isso propomos que as crianças pudessem contar de forma espontânea as histórias memorizadas que ouviram de seus pais, avós, tios, etc e as representassem por meio de figuras e dramatizações, como também, incentivamos a realização da leitura individual e independente, sem que haja a interferência e a exigência do tipo de leitura.

Articulamos as produções de poesias às experiências de vida das crianças, neste momento fomos surpreendidos com a criatividade a qual se deu durante as atividades, mas para isto fizemos um diálogo prévio sobre a essência da poesia demonstrando outras produções,

destacamos as rimas, os versos, os ritmos que estão presentes nas músicas, nos textos, nos diálogos, nas cantigas folclóricas, ou seja, "...a essência da poesia arraiga em certo modo de ver as coisas. Uma visão que vai além do visível ou de aparente, para captar algo que nele não se mostra de imediato, mas que lhe é essencial." (COELHO, 2000, p.221). Assim, podemos afirmar que a criança tem uma alma poética, basta que seja incentivada para despertar a criatividade escondida em cada uma delas.

Quando se trata em relatar acontecimentos de suas próprias vidas, as crianças sentem-se muito a vontade, visto que na elaboração de uma linha de tempo pessoal desde seu nascimento até os dias atuais com a colaboração dos pais, nenhuma delas poupou detalhes interessantes e datas importantes em suas vidas, que foram expostos e compartilhados com os demais colegas.

Na última semana de estágio realizamos atividades com a literatura de cordel, com pesquisas sobre sua origem, os autores mais vistos e a sua estrutura, constatamos que este era um dos temas em que os alunos demonstraram não conhecer muito, sendo assim, incentivamos a produção de pequenos folhetos com desenhos e textos de literatura de cordel em equipes, destacando os personagens que fizeram parte da cultura nordestina tais como Lampião, Maria Bonita, Luiz Gonzaga, etc, esta foi uma das estratégias utilizadas para buscar valorizar as histórias da nossa região e desenvolver em nossos alunos a oportunidade de conhecimento cultural.

Dentre as diversas atividades, estabelecemos para cada dia uma específica a exemplo da hora da história, o cine literário com os filmes dos principais contos da literatura com distribuição de pipocas e pirulitos, o cantinho lúdico voltado para confecções artísticas produzidas pelos próprios alunos, o arco-íris dos sonhos onde diariamente as crianças escreviam o que haviam sonhado na noite anterior e os depositavam no arco-íris após compartilharem com os demais colegas, outra atividade muito participativa foi o correio da amizade em que toda sexta-feira era entregue as cartinhas escritas para os amigos, isto fez com que a produção escrita fosse cada vez mais estimulada de forma voluntária, com esta atividade percebemos que as amizades foram se tornando cada vez mais firme, e nas

palavras de Chalita, a amizade “É antes um banquete para o espírito, o coração e as sensações, além de produzir material farto para a prosa, a poesia, o cinema, a música e todas as demais formas de arte”. ” (CHALITA, 2005, p. 29).

Um dos momentos mais marcantes e divertidos durante o estágio foi a Gincana da Leitura, que de forma interativa, envolveu todos os alunos na realização das atividades tais como construção de paródias, dramatizações das obras de Monteiro Lobato, desfile de personagens da literatura infantil, perguntas e respostas sobre os principais contos da literatura, soletrar palavras que sofreram alterações na ortografia, entre outras. Com esta metodologia estamos ultrapassando a questão da simples transmissão de conhecimento para se chegar ao saber, pois percebemos ao longo do estágio que os alunos participaram de forma intensa, e que os resultados foram positivos, apesar de alguns pontos negativos a exemplo da falta de material e no início a rejeição por parte de alguns alunos em realizarem atividades coletivas, como também a timidez que aos poucos foram vencidos.

Neste sentido concluímos que este estágio foi de grande importância em nossa formação acadêmica, uma vez que nos deu a oportunidade de estarmos transmitindo e ao mesmo tempo adquirindo conhecimentos novos com as crianças e toda a equipe escolar, assim, esperamos ter contribuído com o processo de ensino aprendizagem, em especial o resgate do hábito da leitura no âmbito da literatura infantil seja qual for o conteúdo ou disciplina trabalhada, a literatura estará sempre presente em nossas vidas.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho fizemos um apanhado geral de todo o processo histórico da literatura infantil desde o seu surgimento até os dias atuais através de pesquisas bibliográficas de diversos estudiosos que ao longo de suas pesquisas têm procurado demonstrar da forma mais expressiva a importância que o tema em questão tem para o processo educativo, realizamos ainda estudos de casos e questionários aplicados que nos serviram de suporte para analisar como a leitura e a literatura infantil está fazendo parte da vida cotidiana das pessoas como também de que forma a escola e a família está participando do processo de formação do cidadão.

Tocamos na questão da relação existente entre a leitura, o livro e as novas tecnologias apontando até que ponto esse intercâmbio prejudica e se alia no processo pedagógico da escola, na formação de leitores capazes de analisar, questionar e estimular o exercício da mente abrindo horizontes para o caminho do conhecimento e chegamos a conclusão de que há ainda um longo caminho a ser percorrido, pois faltam práticas de estudo que deem suporte necessário para um trabalho voltado para a interdisciplinaridade de ampliar habilidades que transformem as novas formas de buscar informações por meio do grande avanço tecnológico que por hora faz parte da rotina de muitas crianças, e isso nos leva a crer que o professor, por sua vez, deve estar sempre acompanhando essas transformações e reorganizando idéias e práticas que visem sempre a importância do espaço da literatura infantil na vida do leitor em formação.

Chegamos a um exemplo real de que a grande maioria das crianças sente-se tocadas pela literatura infantil e por tudo aquilo de mais encantado que essa “arte” pode proporcionar ao leitor, quando realizamos os questionários que indicaram o prazer de compartilhar as mais diversas histórias infantis com seus respectivos personagens e tramas, apesar de alguns não gostarem de ler, percebe-se que há uma “conspiração” que paira sobre o ambiente fazendo com que aconteça uma viagem no mundo da imaginação, e através das observações e respostas dos questionários dos alunos e professores, constatamos que esta prática é privilégio de incentivo apenas do educador uma vez que na família isto raramente acontece e

por diversos motivos, seja pela falta de tempo disponível, por não serem escolarizados ou ainda pela desestruturação familiar e terem em mente que esta é uma tarefa de responsabilidade apenas da escola.

Ao final deste trabalho não poderíamos deixar de apontar aquilo que mais chamou a nossa atenção durante esse estudo, que foram os resultados do estágio realizado, onde tivemos a oportunidade de perceber na prática como um processo de construção do leitor se dá mediante as inúmeras possibilidades proporcionadas pela literatura infantil cotidianamente por meio da interdisciplinaridade dos conteúdos, das atividades lúdicas e principalmente com a participação constante dos alunos. Assim percebemos o quanto é urgente proporcionar experiências inovadoras, novas formas de explorar a leitura sem que haja a prática rotineira e monótona do dia a dia em sala de aula com o auxílio apenas do livro didático.

Entretanto, embora estejamos convencidos de que o caminho para um futuro melhor seja o conhecimento do mundo, e isso se dá das mais diversas formas, porém, os objetivos e as consequências podem ser distintos, percebemos que a literatura infantil exerce um papel fundamental na vida de todos nós enquanto família, estudantes e educadores, pois fazemos parte desse processo que nos leva a construção de um caminho cada vez melhor e a escola, por sua vez, deve ser um espaço onde as pessoas possam interagir, dividir experiências, refletir, aprender e descobrir que é ali onde podemos saborear o prazer de sermos eternos aprendizes, assim, ao término deste, concluímos que a literatura infantil, no âmbito da leitura é extremamente importante para o sucesso no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo. Scipione, 1997.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil**. Volume 1. São Paulo: Global, 2007/2008.

CARDEMOTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 6ª ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994.

CHALLITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. 10ª ed. São Paulo: Editora Gente, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria + análise + didática**. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

MATOS, Kelma. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

PCN'S, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 3ª Ed. Brasília: A secretaria, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

VIVALEITURA, Disponível em //http.www.vivaleitura.com.br.

YUNES, Eliane & PONDÊ, Glória. **Literatura e leitura da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. 8ª ed. São Paulo: Editora Global, 1994.

ANEXO

QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO

1. Você gosta de ler?

Sim Não

2. Quais personagens você mais gosta?

- Chapeuzinho Vermelho
- Branca de Neve
- Tarzan
- Cinderela

3. Quem mais lhe incentiva a ler?

- pai
- mãe
- irmã (ao)
- amigos
- professor

4. Em que lugar você costuma ler?

- Em casa
- Na escola
- Na rua

5. Que tipo de história você mais gosta?

- conto
- lendas
- fábulas
- poesia

6. Na sua escola tem algum espaço apropriado para leitura?

Sim Não

7. Você prefere histórias com:

- animais falantes
- seres mágicos

- objetos com vida
 - heróis valentes e destemidos
8. Qual personagem lhe chama mais atenção?

- herói
- princesa
- vilão

9. Quando sua professora narra história você:

- não gosta
- gosta e fica contente
- gosta e pede que ela conte outra vez

10. Sua professora narra história para você:

- todos os dias
- algumas vezes
- não narra

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1. De que forma você incentiva seus alunos para a prática da leitura?

2. Você acha que o hábito da leitura pode ser iniciada antes mesmo da entrada das crianças na escola?

3. Como você trabalha na sala a literatura infantil?

4. Você costuma ler histórias para seus alunos?

5. Quais os recursos que você utiliza para trabalhar a leitura na sala de aula?

6. Normalmente você seleciona os tipos de histórias de acordo com a faixa etária?

7. Você costuma questionar as crianças antes de começar a ler histórias?

8. Você acha que os aparatos tecnológicos são aliados na formação do leitor?

9. Em sua opinião, as histórias infantis é uma das formas de consciência de mundo?

10. Seus alunos costumam associar as características entre humanos e animais, feitas pelas fábulas?
